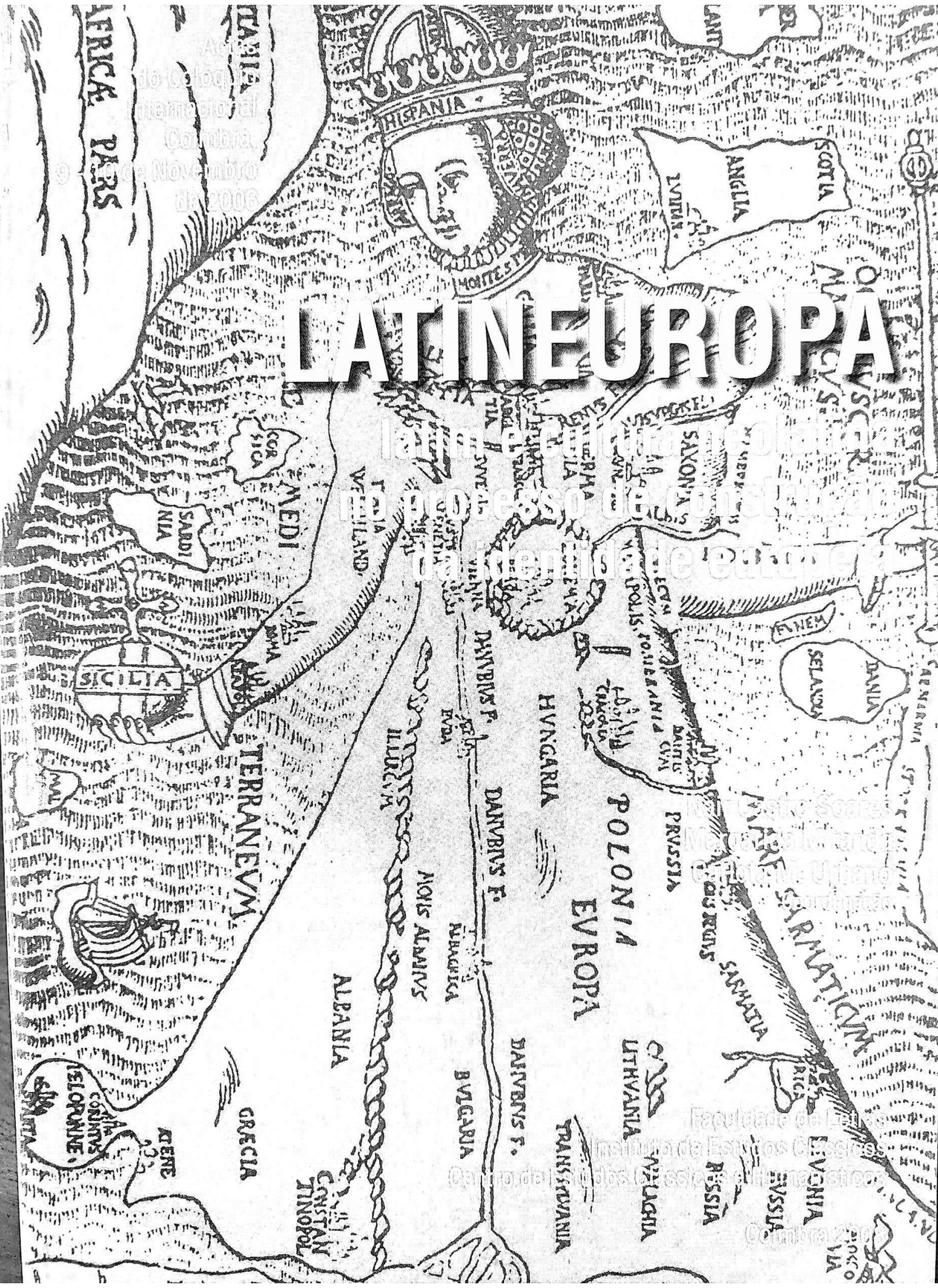


LATINEUROPA



AFRICA PARS

ITALIA

HISPANIA

ANGLIA

SCOTIA

SARDINIA

MEDIA

WESTLAND

SICILIA

TERRANAVM

ILLIRIA

MOIS ALPES

ALBANIA

GRECIA

GENE

CELEBRINE

CONSTANTINOPOL

BULGARIA

DANUBIUS F.

HUNGARIA

POLONIA

EVROPA

LITHVANIA

PRUSSIA

RUSSIA

EVONCHIA

EVSSIA

TRANSYLVANIA

VALACHIA

SARAVIA

SARMATICVM

SELYA

DANIA

CARINIA

ANT

PRINCO

TÍTULO

LATINEUROPA

LATIM E CULTURA NEOLATINA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EUROPEIA

ACTAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL, COIMBRA, NOVEMBRO DE 2006

COMISSÃO ORGANIZADORA – Nair de Nazaré Castro Soares, Carlos Ascenso André, Margarida Miranda, António Manuel Ribeiro Rebelo, Carlota de Miranda Urbano, Paula Barata Dias, Belmiro Fernandes Pereira, Carla Rosa

COORDENAÇÃO

Nair de Nazaré Castro Soares
Margarida Miranda
Carlota de Miranda Urbano

EDIÇÃO

© Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
3004-530 Coimbra-PORTUGAL

© Universidade de Coimbra

CAPA

(Em fundo) Mapa: Heinrich Bünting, “Europa [...] in forma virginis”,
Itinerarium Sacrae Scripturae, 1595

APOIOS

Fundação Para a Ciência e Tecnologia (POCI/2010)
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Eng.º António de Almeida
Fundação Luso-Americana Para o Desenvolvimento

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Imprensa de Coimbra, Lda.
Largo de São Salvador, 1-3 – 3000-372 Coimbra

ISBN 978-972-9057-22-9
Depósito Legal n.º 271437/08

1ª edição: Abril de 2008
Tiragem: 500 exemplares

JESUÍTAS, MESTRES DA EUROPA. MOBILIDADE E COSMOPOLITISMO DE UM SISTEMA ESCOLAR

MARGARIDA MIRANDA
(Universidade de Coimbra)

ABSTRACT

The A. reflects on the specific contribution by the Jesuits in the construction of 'European identity'. In fact, their own education and their *ad gentes* mission follow the Hellenic, Roman and Judeo-Christian paradigms, which is why many Jesuitas are among the great humanists, pedagogues, poets, rhetoricians, mathematicians, scientists, astronomers and architects. However, what made these humanist scholars truly Europe's masters was the unprecedented expansion of their transnational school system. While in 1570 the Society of Jesus had 180 schools across Europe, in 1710 that number rose to 517, from Portugal to Russia. The binding elements of this network of schools was the Latin language and a systematic *curriculum* regulated by the *Ratio Studiorum*, a founding document, responsible for the reappraisal of the hierarchy of studies in Europe.

Todos os historiadores da educação admitem a existência de um modelo pedagógico jesuítico, cuja actividade se desenvolveu por toda a Europa e além-mar, desde meados do século XVI, até 1773, ano da supressão da Companhia de Jesus.

Se uns criticam este modelo educativo, outros louvam-no sem reservas. Para uns, os jesuítas foram os responsáveis pelo atraso intelectual em que mergulhou a Universidade Portuguesa, logo após o movimento de renovação operado, no século XVI, por D. João III e pelos mestres parisienses em Coimbra. Para outros, graças à sua incansável produção intelectual e científica, o ensino dos jesuítas foi importante para a integração europeia e para o desenvolvimento de modos de pensar europeus.¹

¹ Roland MOUSNIER (ed), *Actes du Colloque International sur la Notion d'Europe*,

Efectivamente, em menos de um século, os Jesuítas criaram uma vasta rede de estabelecimentos de ensino – colégios e universidades – e pouco depois, sob a sua protecção nasceram também bibliotecas, lugares de impressão e de edição de livros, (por meio dos quais podiam difundir os seus próprios textos), laboratórios, observatórios astronómicos, bem como todo um aparelho destinado a apoiar, com largueza de horizontes educativos e culturais, a sua missão *ad gentes*.

Se tivermos em conta a abrangência desta rede escolar, se lembrarmos a mobilidade do seu corpo docente, formado numa mesma hierarquia de saberes, se verificarmos a existência de um regulamento escolar ‘internacional’ com um mesmo currículo de estudos, coerente e sistemático, se tivermos ainda em conta a língua franca que unia docentes e discentes em qualquer parte do mundo (o latim), podemos admitir que estamos talvez diante da primeira experiência de “Espaço Europeu de Ensino”.

A língua responsável pela coesão, estabilidade, amplitude e eficácia desta proposta pedagógica foi o Latim e o documento que sistematizou e deu fundamentação antropológica e pedagógica a esta actividade escolar, de mais de dois séculos de vitalidade, foi a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, documento vulgarmente conhecido como *Ratio Studiorum* e publicado de forma definitiva em 1599, após várias décadas de experimentação e validação.

Fruto de cerca de cinquenta anos de consultas, reuniões, exames, recolhas de experiências progressivamente transformadas em teorias e de novo testadas em exercícios práticos, a edição de 1599², com ligeiras alterações em 1616, tornou-se o cânone de estudos obrigatório da rede de colégios com que os Jesuítas, até 1773, educaram não apenas a Europa, mas a Índia e as Américas - onde a cultura ocidental pode confrontar-se com a local e construir a sua própria identificação.

À semelhança do ensino na Universidade de Paris, a *Ratio Studiorum* organizava os estudos em três ciclos de formação: literária, filosófica e teológica.³ Mas os seus pressupostos pedagógicos encontravam evidente paralelo na obra de Erasmo e de Luís Vives, bem como na obra de Calvino, na Academia de Genebra, e na obra de João Sturm, no Ginásio de Estrasburgo. Em todos aqueles programas de estudo, a importância dada às Humanidades e aos estudos

Presses Universitaires de France, 1963.

² A edição de 1599 foi precedida de duas outras edições (a de 1586 e a de 1591), testadas nas diversas províncias e de novo reformuladas pela Companhia para se chegar à edição definitiva.

³ Sobre o *modus parisiensis* e a sua relação com a pedagogia dos jesuítas, vd. Gabriel Codina-Mir, *Aux Sources de la Pédagogie des Jésuites. Le 'Modus Parisiensis'*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1968 e Aldo Scaglione, *The Liberal Arts and the Jesuit College System*, Amsterdam, 1986, entre outros.

literários era crescente. A originalidade da *Ratio* jesuítica consistia, porém, em estabelecer uma estrutura sequencial de saberes a percorrer, uma reflexão atenta sobre toda uma dinâmica de estratégias a desenvolver e um sistema global e coerente de métodos a aplicar. Por isso, a *Ratio* acabaria por tornar-se um documento fundador, e por ser aplicada em colégios de outra natureza, que se inspiraram largamente no modelo jesuítico.

Os Jesuítas, por seu lado, passaram a ser ponto de referência de todas as experiências didáticas, exercendo uma grande influência na actividade de outras instituições religiosas dedicadas à instrução, nomeadamente os somascos (1540) e os barnabitas (século XVII), e o seu ensino foi também o modelo a imitar pelos novos estabelecimentos escolares criados pelo Concílio de Trento para formação do clero em todo a parte – os seminários diocesanos – ou por simples escolas municipais que dependiam do governo das cidades.⁴

Deixo de parte a reflexão sobre o método – se bem que a literatura pedagógica dos últimos anos requeira uma leitura actualizada da *Ratio*, que reconheça os seus traços efectivos de modernidade, pelo inegável protagonismo dado ao aluno e às actividades de aprendizagem, pela nítida distinção que opera entre o saber recebido e o saber construído, pelo desenvolvimento das capacidade de pensar, de analisar, de criticar, de sintetizar.

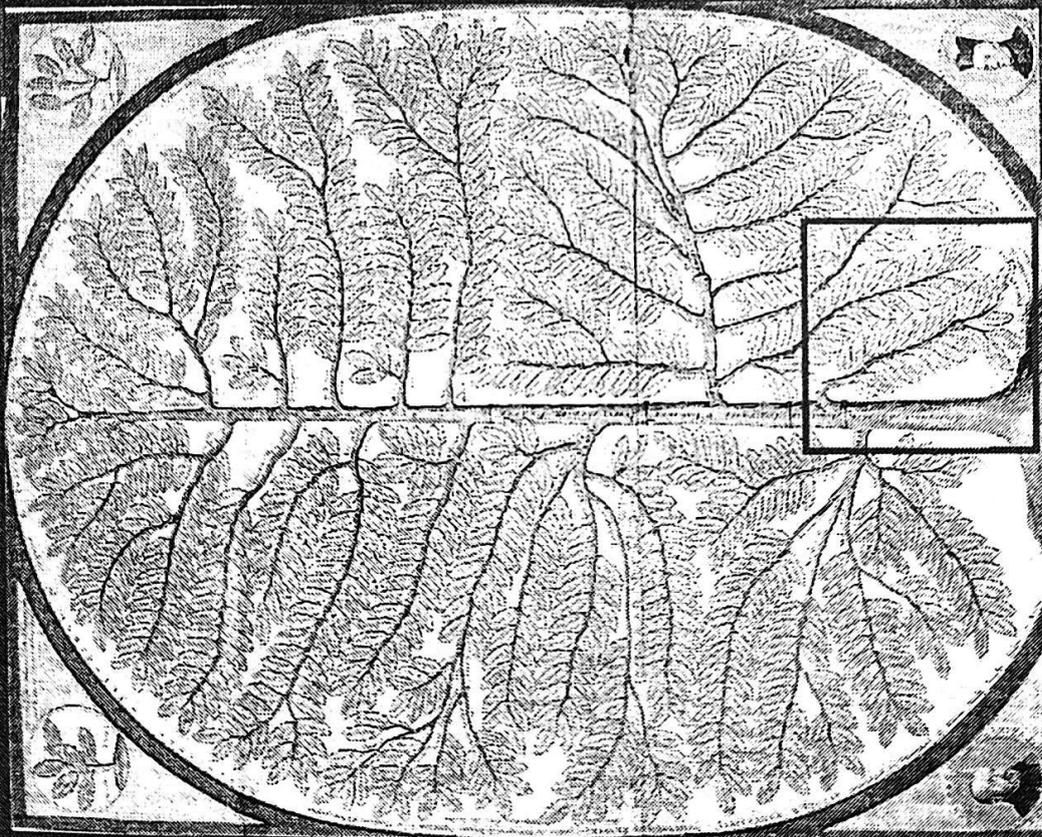
Neste trabalho, pretendo salientar de modo particular a organização sequencial de saberes operada pela *Ratio Studiorum*. O cânone de estudos jesuítico caracterizava-se, antes de mais, pela supremacia da palavra – a herança clássica que melhor respondia à missão apostólica da Ordem. O que os colégios de Jesuítas criaram de inovador foi um aparelho pedagógico centrado na palavra (palavra escrita e palavra falada); um *curriculum* de estudos centrado nas *litterae humaniores*, nas Humanidades e na Retórica, destinado a adquirir a *eloquentia perfecta*.

Herdeiro, sem dúvida, da tradição greco-romana do *trivium* e do *quadrivium*, o curriculum de estudos da *Ratio* veio transfigurar definitivamente o programa escolástico medieval. Transpunha para o ensino escolar de sucessivas gerações europeias a diferente valorização de saberes que estava subjacente ao fenómeno do Humanismo, estabelecendo uma nova hierarquia. Podemos considerar ter sido esse um distintivo da educação dos Colégios da Companhia de Jesus.

⁴ Gian Paolo Brizzi, “Les Jésuites et l’école en Italie (XVIe – XVIIIe siècle)”, in Luce Giard (ed.), *Les Jésuites à la Renaissance: système éducative et production du savoir*, Paris, P. U. F., 1995, pp. 35-53.



Árvore Geográfica da Companhia de Jesus: implantação no mundo em 1762



Gravura

Implantação dos Jesuítas no mundo em 1762, com as suas 223 missões e os seus 669 colégios a cinco Assistências da época (Itália, França, Alemanha, Espanha e Portugal). In É. Antébi et François Lebrun, *Les Jésuites ou la Gloire de Dieu*, co-édition Antébi-Stock, 1990.

A valorização das Humanidades e da Retórica (da Literatura e da comunicação, diríamos hoje) como objecto de estudo tão importante como a Dialéctica, a Filosofia ou a Teologia, por um lado; a convergência de todo o sistema escolar para o estudo da Retórica e da Eloquência; uma noção de Retórica que libertava os estudos literários do primado da Dialéctica e da Filosofia e se inspirava não só nos livros de Aristóteles mas também de Cícero e de Quintiliano e se tornara obrigatória para todos quantos (eclesiásticos e leigos) quisessem avançar nos restantes saberes, foram factores que elevaram definitivamente o nível dos estudos e tiveram como resultado a multiplicação de gerações de humanistas, em todas as partes do mundo.

Se um dos factores de coesão da noção de Europa é o facto de ter sido o espaço do nascimento e desenvolvimento do saber e das ciências, então a Companhia de Jesus exerceu, ao longo de mais de dois séculos, um papel preponderante no processo da construção da Europa. E a *Ratio Studiorum*, que presidiu de forma universal à sua missão educativa, com o seu postulado sobre a aliança indissolúvel *virtus et litterae*, inscreveu a acção daqueles humanistas no processo, inaugurado pelo Humanismo, de constituição da Europa cultural moderna.

Quais as razões que explicam a notável rapidez com que se multiplicaram os colégios em toda a Europa?

Se considerarmos apenas os colégios destinados aos alunos externos, verificamos que, nos primeiros 10 anos de actividade docente (entre 1546, e a data da morte do seu fundador, em 1556) os Jesuítas fundaram 33 colégios e deram a aprovação para a fundação de mais seis (39 novos estabelecimentos escolares).⁵

A sociedade europeia do século XVI vivia tempos particulares de aceleração cultural. O fenómeno do livro impresso e da sua comercialização tomara cada vez maior uma procura generalizada da escolaridade, necessidade a que nem sempre as instituições cívicas podiam responder. Desde o século XV que cidades e vilas da Europa – a começar pelas cidades que possuíam universidades - reconheciam a necessidade de criar instituições mais alargadas, que dessem aos seus filhos o acesso a uma cultura escrita. As práticas escolares dessas instituições eram, no entanto, deixadas ao acaso dos talentos naturais do mestre contratado pelo município. Assim nasceram, por exemplo, as escolas

⁵ A. P. Farren S. I., "Colleges for extern students opened in the lifetime of St. Ignatius", *Archivum Historicum Societatis Iesu* 6 (1937) 287-291. Sobre a crise criada pela expansão demasiado rápida dos colégios, vd. John W. O' Malley, *The First Jesuits*, Harvard University Press, 1993, pp. 227-232.

dos Irmãos da Vida Comum, mais tarde absorvidas pela escola luterana, de quem a *Ratio* jesuítica veio a colher muitos aspectos.

Da parte da Europa católica, no entanto, tínhamos um clero insuficientemente preparado para assumir tamanha empresa, que dizia respeito a toda a sociedade. Regime jurídico para tais instituições, também não havia, nem meio para resolver o principal problema, que seria, certamente, o financeiro. Como financiar uma actividade docente capaz de responder a uma procura explosiva de instrução literária?

Esse era um problema que os Jesuítas resolviam desde logo, por se constituírem como mão-de-obra gratuita. Precisavam apenas de fundos que lhes permitissem manterem-se, a si próprios e às fundações. Mas, para isso, dispunham da ajuda de benfeitores. Muitas vezes, os benfeitores eram os próprios bispos das dioceses, ou as autoridades civis dos municípios, também elas interessadas em alargar o quadro escolar, considerado insuficiente. Nesse caso, os novos colégios tinham mais razão ainda para abrirem as suas portas, não apenas aos membros da Ordem, como aos membros da sociedade civil. Assim, quer por iniciativa da Companhia quer, na maior parte das vezes, em resposta ao apelo das autoridades locais, em cerca de 30 anos, um punhado de homens superiormente organizado criava duas centenas de colégios.

Em 1579, os Jesuítas tinham 180 colégios espalhados pela Europa, sem contar com os que se contavam no resto do mundo. Em 1608 o número elevava-se a 266. Em 1679, segundo o P.^o Fillippo Buonanni S. I., então arquivista da Companhia, eram 455 os colégios europeus de Jesuítas. E em 1710 seriam 517, sem contar com os 95 colégios espalhados pelo resto do mundo (da Índia até África, do Japão à América Latina).⁶

As cifras dizem respeito apenas aos números de colégios (maiores e menores) e não a outro tipo de fundações, como as casas professoras, que elevariam os totais apontados. Se examinarmos o mapa europeu dos colégios jesuíticos, publicado em 1679 pelo P.^o Buonanni, o que observamos é uma densíssima rede escolar sem precedentes na história da educação, desde Portugal até à Rússia, nas várias Províncias de Itália, Bélgica, França, Alemanha, Mónaco, Espanha, Áustria, Boémia, Polónia e Lituânia. Em Portugal, no mesmo período, existiam ao todo 13 colégios: em Braga, Bragança, Coimbra, Elvas, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém,

⁶ Vd. E. Lamalle, "Les Catalogues des provinces et des domicilles de la Compagnie de Jesus. Notes de bibliographie et de statistique", *Archivum Historicum Societatis Iesu* 13 (1944) 77-101 e Ladislaus Luckács, "De origine collegiorum externorum deque controversis circa eorum paupertatum obortis", *Archivum Historicum Societatis Iesu* 29 (1960) 189-245 e 31 (1961) 3-89.

Setúbal, Portimão e Vila Viçosa. Em Espanha, 81; em Itália 122; 37 na Bélgica; 84 em França; 51 nos territórios da Alemanha, 21 na Áustria, 24 na Boémia, 17 na Polónia e 15 na Lituânia.⁷

A história da Companhia de Jesus foi simultaneamente uma história de êxitos e de permanentes perseguições. O poder crescente que os Jesuítas rapidamente alcançaram no seio da sociedade eclesiástica e civil foi, desde cedo, causa de perseguições que culminaram com a supressão da Companhia de Jesus, entre 1773 e 1813.⁸ Até lá porém, a sua obra havia-se afirmado como uma das mais activas heranças da pedagogia humanística do Renascimento. Face aos cismas da Contra Reforma e do saber humanístico, o que os Jesuítas ofereciam à Igreja de Roma era um Humanismo cristão que resolvia o dissídio entre os valores da Cristandade e os novos valores da modernidade.

Se foi possível à Companhia de Jesus responder de forma tão ampla à explosão da procura escolar na Europa, não foi sem duras vicissitudes para os seus membros. No entanto, graças à *Ratio Studiorum* e aos diversos documentos que lhe deram origem, foi possível constituir um autêntico sistema escolar, dotado de um regulamento próprio e de um corpo docente vinculado aos mesmos programas, à mesma língua de ensino, por vezes aos mesmos manuais escolares, e sujeito à mesma autoridade supranacional, que podia transferir recursos humanos e intelectuais para onde fossem mais necessários, independentemente das fronteiras políticas. Efectivamente, no século XVI, um professor de Retórica podia ensinar em Coimbra, Évora, Bragança, ou em Paris, Roma, Munique, Colónia, ou mesmo no Brasil ou na Índia.

A *Ratio Studiorum* não é um escrito teórico sobre educação, mas um documento experiencial, que expõe de forma sistemática um conjunto de

⁷ Perseguições do Anglicanismo na Inglaterra, do Absolutismo e do Césaro-papismo em França e Áustria, agravadas pelas crises do Jansenismo e do Iluminismo, lutas ideológicas e teológicas e perseguições ligadas ainda às fracturas espirituais e religiosas, irreversíveis na Europa, mas também questões históricas ligadas ao poder temporal, levaram a um acumular de hostilidades que foram adensando o clima religioso e político da Europa, levando a expulsões temporárias em França, em Veneza, em Portugal, e mesmo a perseguições sangrentas na Inglaterra (com Isabel I, 1533-1603) e Polónia (1648-1654). Por fim, o Papa Clemente XIV, assediado por pressões de toda a sorte e comprometido com as cortes borbónicas, suprimiu a Ordem, em 1773.

⁸ Os Jesuítas foram expulsos de Portugal em 1759, pelo Marquês de Pombal, quando contavam 57 colégios em todo o reino, 12 seminários e uma Universidade. Depois, foi o Parlamento francês que exigiu a sua supressão em 1762, logo seguido de Espanha e das colónias espanholas, até que o Papa (Clemente XIV) suprimiu a Ordem, em 1773. No entanto, aquela ordem só teria efeito quando aplicada pelo governo de cada um dos estados, o que não aconteceu na Prússia nem na Rússia, impedindo assim a sua extinção em absoluto.

práticas, canonizadas após longos anos de verificação, nas diferentes províncias religiosas. Trata-se, portanto, de uma resposta metodológica que a Companhia dava ao seu próprio ideal educativo, já expresso nos *Exercícios Espirituais* e na Parte IV das *Constituições*. A principal novidade residia na importância dada aos *studia humanitatis*, numa concepção de educação intrinsecamente orientada pelos valores do Humanismo clássico e cristão. O estudo das letras clássicas e do hebraico tinha uma função simultaneamente científica e apostólica: era necessário estudar a Sagrada Escritura nos textos originais, mas também saber comunicar a doutrina da fé, em linguagem actual e eficaz.

Um pequeno episódio, passado em vida do fundador da Companhia de Jesus, ilustra o apreço em que era tida a preparação humanística dos seus membros. Em 1547, Diogo Lainez confrontou Inácio de Loyola com a necessidade de chamar da Universidade de Pádua o jovem Pedro de Ribadeneira, pois o prolongamento dos estudos de humanidades poderia prejudicar o jovem estudante e fazer dele um literato *superficial*. Mas o pensamento do fundador não tinha dúvidas a este respeito. A todos se exigia que fossem bem instruídos em gramática e em humanidades, e só então seria bem-vindo todo o género de conhecimentos (a lógica, a filosofia natural, a moral, a metafísica e matemática). Da abundância da formação clássica, entendiam os Superiores, nada havia a temer, pois os estudos literários não tinham diminuído a força intelectual de Jerónimo ou de Agostinho, de Platão ou de Aristóteles. Na universalidade da sua missão *ad gentes*, Santo Inácio defendia ainda que os *studia humanitatis* eram necessários para lidar com pessoas de origens e de línguas diversas e para pregar convenientemente, principalmente para comunicar com autoridade, como quem se esforça por tornar claro e luminoso o seu próprio conhecimento (“*Para que saibam tão bem explicar como entendem...*”). Se aquelas qualidades eram para todos desejáveis, com muito maior razão o eram para teólogos e filósofos. Os primeiros jesuítas observavam que aqueles que tinham uma formação mais escolástica e especulativa, ainda que fossem muito doutos, não tinham o mesmo êxito apostólico. Aprofundar os *studia humanitatis* era, pois, uma condição indispensável para dar proveito mais universal aos estudos.⁹

Era assim que Inácio de Loiola justificava a clara opção, feita nos colégios, pela paideia humanística, no pressuposto de que o estudo das Humanidades não só não prejudicava as restantes disciplinas como as favorecia; de que sem um sólido fundamento dos estudos humanísticos não se poderia avançar nos outros saberes, e no pressuposto também de que o esquecimento das *litterae humaniores* arrastaria os homens para a barbárie.

⁹ Vd. Monumenta Historica Societatis Iesu, *Monumenta Paedagogica*, I, pp. 366-373 (resposta de Afonso de Polanco a Diogo Lainez) mas também *Monumenta Ignatiana*, I, pp. 519-521.

À excepção das universidades inspiradas no modelo de Paris, não era assim no ensino universitário, nem no ensino elementar médio, desenvolvido por mestres particulares ou por escolas pertencentes à sociedade civil. Se na maioria das Universidades havia mestres de Gramática, estes ensinavam apenas os conhecimentos de língua latina indispensáveis para frequentar o curso de Artes, de Medicina ou de Leis.

Em Pádua, por exemplo, em meados do século XVI, logo que o estudante tinha adquirido alguma familiaridade com a gramática latina, passava imediatamente ao curso de Lógica, de Leis ou de Medicina.¹⁰ Por essa razão, o prolongamento dos estudos de Humanidades pelos jesuítas, enviados para Pádua, causava estranheza e preocupação ao Padre Diogo Lainez.

Para eliminar a barbárie, para assegurar a qualidade do ensino da Gramática e o avanço gradual na ordenação das matérias, a *Ratio Studiorum* dos colégios fazia corresponder o programa das classes de Gramática ao manual do jesuíta português Manuel Álvares. Assim, as três classes de Gramática previstas na *Ratio* baseavam-se exactamente na divisão interna dos *De Institutione Grammaticae* (cuja primeira edição completa saiu em Lisboa, em 1572) em três livros. Por esta obra, que conheceu mais de 500 edições, a Europa estudou latim durante mais de dois séculos. Por preservar uma certa pureza humanística e proximidade em relação aos autores da Antiguidade, a Gramática de Manuel Álvares substituiu gradualmente as gramáticas de Alexandre de Vila Dei (*Doctrinale*) e a de Despauterius (1460-1520) – que era seguida em praticamente todos os colégios de jesuítas – uniformizando o mais possível o ensino do latim na Europa.

O mesmo aconteceu com a obra de Cipriano Soares. Os *De Arte Rhetorica Libri Tres ex Aristotele Quintiliano praecipue deprompti*, (Conimbricae [sic] apud Ioannem Barrerium, 1562) eram parte integrante das classes de Humanidades e de Retórica e formaram a eloquência de muitas gerações de homens. A sua adopção como manual era o reconhecimento da popularidade crescente que a obra havia alcançado, em dezenas de colégios. Embora o seu uso não fosse obrigatório, ele era positivamente recomendado pela *Ratio* (Regras 1 a 8 para o Professor de Humanidades) e esse facto valeu-lhe mais de duzentos anos de vigência e de actualidade. *A Bibliothèque de la Compagnie de Jesus* de Sommervogel, regista, em cerca de 200 anos, cerca de 150 edições da obra do mestre de Coimbra, em dezenas de cidades da Europa, mas estudos posteriores já elevaram o número de reimpressões a, pelo menos, 207, em diversos pontos da Europa. A fidelidade aos clássicos

¹⁰ Carta de Edmond Auger a Diogo Lainez, in *Monumenta Paedagogica*, III, p. 281.

dera à obra de Cipriano Soares o estatuto de texto oficial, e a *Ratio* assegurava-lhe uma divulgação universal. Nos finais do século XVIII, os *De Arte Rhetorica* já tinham servido de manual a mais de cinco milhões de estudantes, dentro e fora do âmbito da Companhia¹¹.

No campo da Filosofia, é sobejamente conhecida a dimensão europeia do célebre *Curso Conimbricense*: comentários às obras de Aristóteles, redigidos para servirem de livro de texto nas escolas. Composto no Colégio das Artes de Coimbra e divulgado não apenas em toda a Europa jesuítica como também, possivelmente, nalguns centros de estudo das diversas confissões da Reforma, o *Curso Conimbricense* conheceu, no seu conjunto, mais de uma centena de edições por toda a Europa. Lamentável é que a mais ampla sistematização das ciências filosóficas realizada em Portugal, que adquiriu além fronteiras uma invulgar projecção, e restaurou em toda a Europa a filosofia aristotélica, continue ainda hoje por traduzir.¹²

Durante mais de dois séculos, no começo da Europa Moderna, foi este o cânone de estudos que emancipou o saber humanístico e constituiu o essencial da educação do homem europeu: uma sólida cultura geral, com uma forte componente latina de matriz clássica e humanística e judaico-cristã, e uma intensa preparação para o uso da palavra (escrita e falada).

Seria no entanto incorrecto pensar que, em nome do amor das letras e da virtude, os Jesuítas negligenciaram o estudo das ciências. Recentemente, são numerosos os estudos que demonstram o importante contributo da Companhia de Jesus para o desenvolvimento das ciências, e que provam que os Jesuítas tomaram parte não despicienda naquilo a que se chamou a *revolução científica*, ao nível da matemática, da física, da biologia, da química, da música etc. Testemunhas dessa actividade são os estudos de Luce Giard (ed) *Les Jésuites à la Renaissance. Systeme éducatif et Production du savoir*, P.U.F., 1995, *maxime* cap. 11; ou os estudos de Antonella Romano, nomeadamente *La Contre-Reforme Mathématique. Constitution et Difusion d'une Culture Mathématique Jésuite à la Renaissance (1560-1640)*, Grenoble, 1999, em que a autora descreve os diversos mecanismos pelos quais a Companhia constituiu e difundiu uma cultura matemática jesuítica, estabelecendo entre Roma e as províncias um diálogo permanente sobre a dupla questão do ensino da

¹¹ Existe tradução inglesa: Lawrence J. FLYNN – *The 'De Arte Rhetorica' (1568) by Cyprian Suarez S.J.*, 2 parts, University of Florida, 1955.

¹² Amândio COXITO, *Estudos sobre Filosofia em Portugal no século XVI*, Lisboa, INCM, 2005 e ainda “O Curso conimbricense” in Pedro CALAFATE (ed.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. II: *Renascimento e Contra-Reforma*, Caminho, Lisboa, 2001, pp. 503-543.

matemática e da respectiva reflexão epistemológica; ou mais recentemente os estudos de Mordechai Feingold (ed), *Jesuit Science and the Republic of Letters*, Cambridge, The MIT Press, 2003 e *The New Science and Jesuit Science: Seventeenth Century Perspectives*, Virginia Polytecnic Institute, Blacksburg, 2003; do mesmo modo, Katharine Park e Lorraine Daston (ed), ao organizarem, neste preciso ano de 2006, *The Cambridge History of Science*. Vol. 3 *Early Modern Science* (Cambridge University Press) também não puderam ignorar a actividade científica e intelectual dos religiosos neste campo do conhecimento, o que mostra o lugar efectivo da interacção de saberes na missão educativa dos jesuítas e, por consequência, o lugar efectivo dos jesuítas na criação da Europa moderna.¹³

Foi justamente o saber técnico e científico que granjeou, aos missionários jesuítas, a admiração da China do século XVI (os *Elementos* de Euclides, a *Astronomia* de Ptolomeu, a *Cartografia*, o manual de geometria do P.^o Clavius, um dos maiores matemáticos jesuítas, conhecido como o *Euclides* do seu tempo). Os *Euclidis Elementorum Libri XVI* foram sucessivamente publicados, até 1717, e conheceram uma tradução chinesa logo em 1604.¹⁴ No Oriente, a obra do P.^o Clavius tornou-se uma chave obrigatória para o acesso às ciências europeias, uma espécie de introdução a toda uma mentalidade, então desconhecida, que se apoiava no aristotelismo do pensamento grego. E no Ocidente, forçoso é lembrar uma das figuras mais curiosas da história da Ciência, o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1602-1680), que reuniu os desenvolvimentos mais importantes de diversas ciências contemporâneas, nos mais variados campos do saber, e que mereceu o título de *doctor centum artium*.¹⁵

Finalmente, não podemos falar dos Colégios da Companhia de Jesus sem falar do número de grandes homens também formados pela *Ratio* jesuítica, que se distinguiram em todas as partes do mundo e nos mais variados campos das

¹³ Vd. Também, WALLACE, *Galileo and his Sources: the Heritage of the Collegio Romano in Galileo's Science*, Princeton, 1984; Steven J. HARRIS, *Jesuit Ideology and Jesuit Science: Scientific Activity of the Society of Jesus 1540-1773*, Ph. D., Univ. of Wisconsin, 1984 e ainda "Transposing the Merton Thesis: Apostolic Spirituality and the Establishment of the Jesuit Scientific Tradition" *Science in Context* 3/1 (1989) 29-65. Mais recentemente, entre nós, a *Revista Portuguesa de Filosofia* dedicou, ao mesmo tema, um número monográfico com o título *Os Jesuítas e a Ciência (séc. XVI-XVIII)* LIV (1998). De entre os investigadores portugueses nesta matéria, distinguem-se Alfredo Dinis, da Universidade Católica (Braga), e Henrique Leitão, da Universidade Nova de Lisboa.

¹⁴ Peter M. ENGELFRIET, *Euclid in China. The Genesis of the First Chinese Translation of Euclid's Elements Books I-VI, 1607, and its reception up to 1723*, Brill, 1998.

¹⁵ O nosso século deu-lhe um título semelhante: *Athanasius Kircher, The last Man who knew everything*, Paula FINDLEN (ed), Routledge, New York and London, 2004.

ciências e da arte. De um modo diferente também eles foram mestres da Europa: os poetas e dramaturgos Pedro Calderón de la Barca, Torquato Tasso, Molière, Pierre Corneille, ou Carlos Goldoni, os oradores sacros Bossuet e António Vieira; mas também investigadores e sábios como Galileo Galilei; o filósofo e físico Descartes, homens de estado, como o Cardeal Richelieu; o polígrafo e filósofo racionalista Voltaire; dignitários da Igreja como o Papa Bento XIV, conhecido pela sua erudição superior; e muitos mais, no campo da música, da filosofia, da medicina, da economia e da política, todos foram formados pela *Ratio Studiorum* jesuítica.

Antes de concluir, convém, evidentemente, ter presente que o fenómeno jesuítico coincide afinal com o fenómeno mais vasto do Humanismo, para quem a pedagogia era uma questão essencial. De facto, há muito que o Humanismo se apropriara das letras gregas e latinas, e das principais ideias e representações do Mundo Antigo. Mas não esqueçamos que a Era de quinhentos, com seus múltiplos factores de renovação cultural, foi também uma Era de cisões espirituais irreversíveis. Uma fractura irreduzível se havia criado entre uma Europa Católica e uma outra Protestante. Essas circunstâncias vividas pela Europa deram aos Jesuítas um protagonismo inesperado na história da cultura. Necessidades históricas fizeram daqueles homens uma parte significativa da resposta dada pela Igreja Católica às intuições pedagógicas renovadoras das escolas protestantes, já executadas noutros centros da Europa. A paideia jesuítica era uma paideia humanística no pleno sentido da palavra – no que, aliás, partilhava do espírito de Erasmo, Luís Vives, Tomás Moro... – mas teve a particularidade de se transformar em plano de acção pedagógica de carácter universal e duradouro e de projectar os paradigmas heleno, romano e judaico-cristão na Europa e no mundo novo.

O impulso da técnica, a invenção da imprensa, as grandes descobertas e as viagens marítimas, o encontro com outros povos e culturas, concorreram poderosamente para a transformação da face da Europa, mas os Jesuítas tiveram um papel activo nessa metamorfose, não apenas enquanto missionários, pregadores, teólogos e confessores de reis mas também enquanto humanistas, poetas, homens do teatro e filósofos; matemáticos, físicos e cientistas; astrólogos e arquitectos; e principalmente enquanto mestres e fundadores de colégios, responsáveis por uma reorganização da hierarquia dos saberes (o que mais distinguiu a pedagogia dos Jesuítas) – que consistiu na centralidade e universalidade do saber *humanístico*, o único que *humaniza*.